

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

THAYANNE PASCOAL DE OLIVEIRA

**O COMBATE AO BULLYING COMO PROPOSTA DE TRANSFORMAÇÃO
DA SOCIEDADE POR MEIO DA EDUCAÇÃO**

Rio de Janeiro

2021.2

**O COMBATE AO BULLYING COMO PROPOSTA PARA A TRANSFORMAÇÃO DA
SOCIEDADE POR MEIO DA EDUCAÇÃO
COMBATING BULLYING AS A PROPOSAL FOR THE TRANSFORMATION OF
SOCIETY THROUGH EDUCATION**

Autora

Thayanne Pascoal de Oliveira

Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário São José

Orientador

Prof. Dr. Roberto Nunes Bittencourt

Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo aborda questões pertinentes ao *bullying*, desde sua conceituação até seus impactos na sociedade, passando pelas transformações que essa forma de violência causa nos envolvidos, seja o agressor, o agredido ou o espectador. Cometer, sofrer e observar situações de perseguição, humilhação e violência afeta profundamente o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de viver saudavelmente em sociedade. Esta pesquisa, de caráter de revisão bibliográfica, traz à reflexão a importância de não tratar os casos de *bullying* como pontuais e isolados, mas como um problema social que se manifesta, majoritariamente, dentro do espaço escolar, afetando a sociedade como um todo. Adquirir tal consciência fundamental para se propor ações significativas no combate à violência no ambiente escolar, promovendo um espaço de paz, igualdade e valorização da diversidade, para que a escola seja produtora de pessoas plenamente desenvolvidas, que exercem integralmente o seu direito à cidadania e que sejam capazes de ser agentes de transformação da sociedade, tornando-a e conservando-a como um lugar de paz, justiça e igualdade. Dentre as proposições trazidas para que se atinja tal patamar social e educacional, foram trazidas as possibilidades da educação integral e da educação em direitos humanos como ações de combate ao *bullying*. Além das ações de enfrentamento ao *bullying*, que o Ministério da Educação da Finlândia introduziu em seu sistema educacional, sendo esse sistema uma referência mundial no quesito educação, pois é um dos mais eficientes do planeta, conseguindo números extremamente satisfatórios, não só no combate, mas também na erradicação da violência dentro de seus espaços escolares e, conseqüentemente, sua sociedade.

Palavras-chave: *bullying*, desenvolvimento humano e sociedade.

ABSTRACT

This article addresses issues pertinent to bullying, from its conceptualization to its impacts on society, including the transformations that this form of violence causes in those involved, whether the aggressor, the victim, or the bystander. Committing, suffering, and observing situations of persecution, humiliation, and violence profoundly affects cognitive development and the ability to live healthily in society. This research, of a literature review nature, brings to reflection the importance of not treating cases of bullying as isolated and isolated, but as a social problem that manifests itself mostly within the school environment, affecting society as a whole. Acquiring such awareness is fundamental to propose meaningful actions to combat violence in the school environment, promoting a space for peace, equality, and appreciation of diversity, so that the school can produce fully developed people who fully exercise their right to citizenship and who are able to be agents of transformation of society, making and keeping it as a place of peace, justice, and equality. Among the proposals brought in order to reach this social and educational level, the possibilities of integral education and human rights education as actions to combat bullying were brought up. Besides the actions to combat bullying that the Ministry of Education of Finland has introduced in its educational system, which is a world reference in terms of education, because it is one of the most efficient on the planet, achieving extremely satisfactory numbers, not only in combating, but also in eradicating violence within their school spaces and, consequently, their society.

Translated with www.DeepL.com/Translator (free version)

Keywords: bullying, human development and society.

1. Introdução

O *bullying* é um tipo de prática de violência verbal e física que ocorre dentro do espaço escolar, ou em função das relações criadas neste espaço, e se configura como uma violação de direitos humanos no cotidiano da escola. As práticas de agressão, injúrias e racismo são crimes com punição expressa pelo código penal brasileiro e é inaceitável que tais condutas façam parte de desenvolvimento infantil.

Combater o *bullying* é uma ação preventiva de prevenção à violência na sociedade do futuro. Este artigo analisa como a violência surge dentro da escola, das influências aos contextos de sua materialização, para que se proponham ações que conscientizem as crianças da seriedade desse assunto e que inibam a ação violenta no espaço escolar e das relações advindas dele.

Promover a paz e o incentivo à não-violência não diz respeito apenas a combater as agressões, tendo um papel imprescindível no desenvolvimento humano e no exercício da cidadania. Não se trata apenas de não bater ou ofender as pessoas, mas de se gerar empatia pelo próximo, além de responsabilidade social e emocional, gerando na criança a consciência de que suas ações impactam direta e indiretamente as pessoas ao seu redor, de maneira positiva ou negativa, daí a importância de refletir sempre sobre suas atitudes.

Identificar quem faz e quem sofre *bullying* mostra as influências da sociedade no espaço escolar, e esse tipo de ação evidencia a importância da escola, pois ao reverter as situações de violência dentro do ambiente escolar, a escola devolve para sociedade uma resposta efetiva no combate à violência. Desta forma, os profissionais da educação precisam estar atentos e devidamente capacitados para lidar de maneira construtiva com as práticas opressoras, valorizando sempre a dignidade da vida humana e a importância da manutenção de uma sociedade justa e igualitária.

A partir dessas considerações, este trabalho se analisa a concepção do *bullying* e seus impactos no desenvolvimento de quem o pratica, o sofre e o assiste, e em como essa prática e seu combate se relacionam com a sociedade hoje e ajudam a moldar a sociedade no futuro. Esta revisão analisou livros e artigos científicos que abordam a violência e suas decorrências na escola e nos demais contextos sociais.

2. Fundamentação Teórica

Eric Debarbieux e Catherine Blaya (2002), no livro *Violência nas Escolas e Políticas Públicas*, trazem uma análise profunda sobre a história da violência e as condições propícias para ações violentas, depois trazem esse tema para dentro do contexto escolar, e além de proporem ações de combate à violência para os envolvidos nas relações humanas advindas do espaço escolar, tratam esse tema como de interesse público, responsabilizando o Estado e mostrando ações de políticas públicas para o combate e prevenção ao *bullying* nas escolas.

No livro *Fenômeno Bullying*, Cléo Fante e José Augusto Pedra (2005) definem o conceito e traçam a história dos atos de violência no contexto escolar, além de mostrarem como acontecem as ações violentas. Os autores apresentam relatos de pessoas que sofreram violência nos mais distintos contextos escolares, a influência da sociedade e da mídia nas atitudes agressivas e diversos recortes de reportagens noticiando fins trágicos de relações em que se praticava o *bullying*. Também está presente no livro a especificação dos diferentes tipos de *bullying*, dos diferentes tipos de praticantes da violência e de pessoas que sofrem essas violências. Tudo isso, com o intuito de informar e trazer à reflexão a gravidade deste tema, além de proporem ações que inibam essa prática e conscientizem as crianças de sua periculosidade.

Em seu livro “*Bullying Não!*”, destinado a profissionais da educação, pais e jovens envolvidos no contexto escolar, Alfredina Siefert (2008, p. 7) reúne uma dúzia de discussões sobre esse tema:

Elencando autores pesquisados; definindo o fenômeno; relatando alguns casos ocorridos pelo mundo; sua influência psíquica nos alunos; caracterizando os envolvidos; abordando a questão da instituição escolar e o fenômeno; as consequências que o aluno e todo o contexto escolar sofre com a violência, a necessidade de uma Cultura de Paz e finalizando, uma reflexão sobre o nosso papel na questão do enfrentamento a este problema.

Em artigo publicado pela revista *Nova Escola*, Lúcia Müzell (2011) se utiliza da pesquisa do especialista francês Eric Debarbieux para debater diversos tópicos relacionados à violência no ambiente escolar. Além de se comentar sobre casos de *bullying* que ganharam repercussão devido as grandes proporções que a violência

escolar chegar quando não é combatida, a autora sugere ações práticas e define condições para que as ações violentas percam espaço dentro da escola.

Em seu artigo publicado pelo jornal *El País*, Lola García-Ajofrín (2018) narra o enfrentamento da Finlândia, referência mundial no quesito educação, ao *bullying*. Seu artigo tem como referência dados evidenciados e ações promovidas pelo *Ministério da Cultura e da Educação da Finlândia*, junto com diversos pesquisadores, dentre os quais se destaca a psicóloga Christina Salmivalli, que também é professora na *Universidade de Turku*. O grande diferencial da pesquisa apresentada neste artigo é o foco dado ao espectador do assédio, pois geralmente as partes notadas na prática do *bullying* é o praticante e quem o sofre. É preciso dar importância a todos os envolvidos no contexto de violência escolar, e quem se envolve indiretamente tem papel crucial, pois legitima ou condena a prática do *bullying*.

No artigo *Bullying e Cotidiano Escolar: Sensibilização por Intermédio em Direitos Humanos*, publicado pela revista *Cotidiano Escolar*, Vanessa Silva e Raquel Fernandes (2020) investigam a “violência escolar materializada através do bullying e a violação de direitos humanos no cotidiano da escola” (p.1447). A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal do Mato Grosso, Campus Cuiabá - Bela Vista, com 130 estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, entre os anos de 2017/2018. Foram analisados documentos institucionais vigentes de 2014 a 2018. O objetivo da pesquisa foi compreender como “a prática do bullying e de violação de direitos humanos estão presentes nas relações cotidianas dos estudantes adolescentes do IFMT campus Cuiabá - Bela Vista”. (p.1447)

Débora Caputi e Verônica Silva (2020, p. 33) apresentam, no artigo *Educação Integral como Possibilidade de Enfrentamento ao Bullying*, publicado na *Revista Educação*, vinculada à Universidade Guarulhos – UNG, um diálogo sobre como a própria escolar pode ser uma ferramenta de combate ao *bullying*. As autoras esperam

contribuir com o diálogo sobre o compromisso com a educação integral como possibilidade de embate ao *bullying*, que se concretiza ao assumir as discussões sobre valores humanos, alçar relações saudáveis, dignas e respeitadas, na promoção intencional da paz e tolerância para eliminar a violência escolar e o desrespeito às diferenças.

3. O Conceito de *Bullying*

O *bullying* está presente em qualquer tipo de humilhação, chacota, agressão ou qualquer ato que leve ao constrangimento de alguém dentro do espaço escolar. A escola é um dos espaços de socialização onde as pessoas em idade escolar mais passam seu tempo, por isso é inevitável que ocorram conflitos e desentendimentos esporadicamente. Contudo, se as partes do conflito são sempre as mesmas pessoas e há uma grande opressão de uma das partes sobre a outra, há a prática de *bullying*. Fante (2005) define o bullying como “Síndrome de Maus tratos Repetitivos – SMAR” (p.9). Sobre a identificação da prática de *bullying*, Siefert (2008, p. 11) diz

É um fenômeno que, acredita-se, é tão antigo quanto a escola e que hoje está sendo cada vez mais estudado e abordado nos meios escolares, por tratar-se de uma violência sutil, de grande expansão e com graves consequências aos envolvidos e que, na maioria das vezes, acontece de forma não visível aos olhos dos adultos.

As brigas e desentendimentos devem ser remediados e combatidos sempre, mas há uma diferença crucial do *bullying*, que é a continuidade da violência e a incapacidade de uma das partes envolvidas de se defender. A violência, quando é contínua, tende a ser tolerada, e em alguns casos, incentivada, e as proporções da normalização da violência são sempre graves, por diversos fatores. Segundo Fante (2005, p. 27), termo *bullying* foi adotado justamente para definir “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão”.

O *bullying* pode ser identificado com facilidade quando as ações de quem o pratica já tomaram grandes proporções, contudo, é justamente a sutileza com que esse fenômeno nasce que o perpetua nas relações entre as crianças e jovens. Apelidos que acentuem determinada característica ou que gere qualquer constrangimento, xingamentos e hostilização em qualquer hipótese, intimidação e outras práticas vexatórias que os alunos possam utilizar nas relações entre si nunca podem ser tratados com normalidade, porque abrem precedente para a recorrência de tais atos, gerando uma sensação de normalidade em quem comete esses atos e em quem assiste ao *bullying*, dando credibilidade a quem pratica a violência.

4. As Partes Envolvidas no *Bullying*

4.1. Quem o sofre

As vítimas do *bullying* geralmente são as crianças e adolescentes que apresentam resignação ao serem confrontadas. A falta de ação para se defender ou reagir às provocações dos colegas é a abertura para uma relação de humilhação com quem tem a pretensão de praticar o *bullying* e percebe essa vulnerabilidade. Seja por medo de reagir e sofre uma violência pior, ou por achar que será excluído dos grupos onde eles estão inseridos ou até mesmo para conseguir a aceitação de quem o agride deliberadamente, a pessoa que não reage possibilita o início do ciclo de violência pois tira de quem agride o receio de punição de quem pratica a violência.

A cada situação de humilhação que se passa, o oprimido se sente cada vez mais impotente e sua submissão aumenta a ponto de sua única alternativa ser suportar a prática do *bullying*. Segundo Silva e Fernandes (2020, 1489),

As agressões verbais, como outras, quando recorrentes e se não são combatidas por meio de punições, repreensões, diálogos críticos e desestímulos podem criar sentimento de apatia, de impotência, de tristezas, minando vontades, contribuindo para a domesticação de corpos, moldando sujeitos acrílicos e desencadeando um possível processo de exclusão social no ambiente escolar.

O comportamento da criança passa a ser o mesmo até em relações saudáveis, por isso é importante observar crianças que se isolam, que se calam, que evitam participar de situações divertidas em grupo. Abramovay (2006, p. 131), segundo Silva e Fernandes (2020) relata que o isolamento na sala de aula é outra atitude que pode ser observada em estudantes vítimas de agressões verbais. Alguns preferem desenvolver uma estratégia de defesa, que se traduz em uma forma de autoexclusão, que pode gerar dificuldades de relacionamento e afetar o processo de ensino aprendizagem do estudante.

O ato de se isolar ou ser ignorado e maltratado pelos colegas dentro do espaço escolar fere o princípio da escola de ser um espaço de socialização e desenvolvimento, e priva a vítima do *bullying* de direitos fundamentais com a educação e a cidadania, além

de produzir diversos prejuízos de cunho psicossocial, emocional e cognitivo. As consequências do *bullying* em quem o sofre são profundas e duradouras e afeta todos os aspectos de uma vida. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2017), o forte impacto negativo do *bullying* na aprendizagem dos estudantes, na sua saúde mental e emocional, além de gerar evasão escolar e redução da qualidade do ensino.

4.2. Quem o Pratica

A violência não é um comportamento natural do ser humano, ainda que haja uma pré-disposição, ela precisa de circunstâncias que a viabilizem e a legitimem. Portanto, a criança ou adolescente que pratica o *bullying* apresenta um comportamento que além de ser repreendido e desmotivado, precisa de investigação para que se saiba a causa da agressividade. Diversos fatores influenciam as ações da criança, e a violência pode ser oriunda da indestreza de se lidar com os próprios sentimentos. Problemas familiares, como pais que brigam ou se separam, familiares enfermos ou a perda de entes queridos podem desencadear um comportamento violento, o que tornam quem sofre com isso um agressor circunstancial. Pais ausentes, que são demasiadamente permissivos ou que não passam para os filhos valores como a promoção da paz, a igualdade entre as pessoas, o respeito à diversidade e a importância dessas ações para o próprio bem-estar e dos que estão ao seu redor também contribuem para desencadear no praticante de *bullying* a agressividade e a falta de empatia.

Apesar de incomum, existem crianças que trazem consigo uma naturalidade à transgressão, desrespeitam e constantemente desobedecem aos adultos, maltratam os animais, se entretêm com filmes, jogos e desenhos violentos em detrimento de outros tipos de entretenimento que são característicos da faixa etária, reproduz a violência em suas brincadeiras, buscando sempre uma oportunidade de agredir alguém ou destruir algo. Nesses casos, é preciso estar sempre atento às ações dessas pessoas, pois tal

comportamento pode trazer graves consequências aos que se relacionam com o indivíduo violento.

Quem pratica o *bullying* geralmente o exerce nos momentos de interação em grupo, com pessoas o assistindo humilhar e violentar a vítima. Isso acontece porque o fator determinante na perseguição é o consentimento de quem está ao redor, gerando uma legitimação e normalização do fenômeno, podendo ser até um convite aos que estão envolvidos indiretamente para que atuem diretamente nos atos de violência.

4.3. Quem o Assiste

Durante muito tempo a prática do bullying esteve relacionada apenas a quem o sofre e o comete, justamente por serem as partes evidentes nos atos de violência. Contudo, apesar de não estar diretamente envolvido na prática do *bullying*, o espectador é peça crucial no surgimento e na manutenção da perseguição. Quem assiste a violência acontecer e não se manifesta, dá o consentimento para que a violência continue acontecendo. Por mais que as omissões aconteçam por medo de agir contra a violência e sofrer perseguição por isso, não agir é também uma forma de achar que o próprio bem-estar deve estar acima do bem-estar do outro. Sobre isso, Fante (2005, p. 73) escreve

É o aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor. Mesmo não sofrendo as agressões diretamente, muitos deles podem se sentir inseguros e incomodados. Alguns espectadores reagem negativamente, uma vez que seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário foi violado, o que pode influenciar sua capacidade e progresso acadêmico e social.

Os espectadores do *bullying*, sofrem as mesmas consequências tanto de quem sofre quanto de quem pratica a violência, podendo desenvolver um comportamento agressivo em suas relações sociais, sentimento de insegurança e medo de interagir com outras pessoas, desencadeando problemas de natureza psicossocial, emocional e cognitiva. E assim como nos outros envolvidos, tais comportamentos influenciarão no seu desenvolvimento escolar e na sua formação humana. Esse cenário não só cultiva as

relações de opressão que já existem como possibilitam o surgimento de novas relações de abuso, com os espectadores se tornando praticantes e vítimas da violência.

É preciso salientar que os professores e demais profissionais do ambiente escolar que percebem a prática do *bullying* e a relativizam estão atuando como espectadores do fenômeno, e sua não-ação é um consentimento e grande incentivo para a prática da opressão, gerando no agressor demasiada confiança para violentar outras pessoas e desrespeitar quaisquer figuras de autoridade presentes em sua vida, levando o comportamento violento para fora do espaço escolar, gerando um impacto negativo na sociedade. O profissional da educação que não se manifesta contra o *bullying* não só permite, como contribui para o fracasso escolar e para a manutenção de uma sociedade doente, produtora e reprodutora de violência e, conseqüentemente, de criminalidade.

5. O *Bullying* Fora da Escola

A escola, mesmo sendo o educacional, não consegue, e não deve ter o papel de ensinar tudo a todos. Tal constatação não tem por intuito desvalorizar o fazer pedagógico, mas ressaltar a importância da sociedade, como um todo, na formação humana de seus cidadãos. O *bullying* é um problema social, que embora incida em maior recorrência na escola, nasce fora dela e gera conseqüências que transcendem o espaço escolar.

Dentre essas conseqüências, existe as relações de violência que acontecem fora do espaço físico da escola, porém em decorrência dos laços criados dentro do espaço escolar. Dentro de uma comunidade existem diversos espaços de socialização, como praças públicas, campos de futebol, *playgrounds*, dentre outros. E a escola, muitas vezes o principal espaço de socialização de crianças e adolescentes, forja relações que são mantidas nesses outros locais e que possibilita a prática do *bullying* nesses ambientes.

Além dos espaços físicos de socialização, existe hoje os espaços digitais de socialização, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, e diversas outras plataformas de interação social, que são extremamente relevantes na sociedade atual, e são o local do fenômeno decorrente do *bullying*, *cyberbullying*. O *cyberbullying* é o comportamento de perseguição, humilhação e agressão nos espaços de socialização virtuais, e se dá

através de postagens de textos, comentários, fotos e vídeos, do compartilhamento dessas violências e da exposição e exclusão digital das vítimas de *bullying*. Sobre o *cyberbullying*, Silva e Fernandes (2020, p. 1493) ressaltam a promulgação da Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015,

que instituiu o programa de combate à intimidação sistemática, caracterizada *cyberbullying*, quando há a intimidação sistemática na rede mundial de computadores, quando são usados os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

É preciso estar atento e combater o *bullying* fora do espaço escolar, principalmente nos ambientes em que a supervisão dos adultos pode ser restringida, porque assim como o *bullying* é um problema social que pode nascer fora da escola, quando ele volta pra escola já materializado na violência, a tendência é que ele se transforma em criminalidade. Fante (2005) cita dados evidenciados por Olweus (1993, p. 81)

Em seus estudos o pesquisador verificou que um grupo de alunos, entre 12 e 16 anos, que foram identificados como agressores no fenômeno *Bullying*, 60% deles haviam sofrido condenação legal antes que completassem 24 anos de idade. E os demais alunos, mesmo não se envolvendo diretamente em tal comportamento, acabavam sofrendo suas consequências, uma vez que o direito que tinham a uma escola segura, solidária e saudável foi-se esvaindo à medida que o *Bullying* foi deteriorando suas relações interpessoais, acarretando prejuízos ao seu desenvolvimento socioeducacional.

6. O Combate ao *Bullying*

Existem, hoje, diversas propostas de combate ao *bullying*, e alguns exemplos com resultados bastante positivos no enfrentamento de tal fenômeno. García-Ajofrín (2018), em artigo publicado pelo jornal *El País*, traz um estudo sobre a forma como a Finlândia, país cujo sistema educacional é uma das maiores referências mundiais, lida com o fenômeno *bullying*. García-Ajofrín (2018) informa que

Em 2006, o Ministério de Educação e Cultura da Finlândia pediu a um grupo de pesquisadores que desenvolvessem um programa global contra o assédio escolar (*bullying*), envolvendo tanto a prevenção como a intervenção, e que pudesse ser implantado em todos os colégios finlandeses durante o ensino fundamental (dos 7 aos 15 anos). À frente dos especialistas que desenvolveram o plano estava Christina Salmivalli, professora de Psicologia da Universidade de Turku, na Finlândia, que passou os últimos 25 anos pesquisando o assédio escolar e sua prevenção.

Portanto, o primeiro passo no combate ao *bullying* é tratá-lo como um problema global, e se pensar e viabilizar políticas públicas em educação para informar e causar reflexão sobre o tema. É necessário que se fomente a ciência a respeito do tema e se produza profissionais capacitados para identificar os problemas e propor soluções.

Salmivalli, segundo García-Ajofrín (2018) conta que “agia-se seguindo as normas, e todos os colégios deviam adotar e implementar uma estratégia contra o *bullying*. Porém, não havia ferramentas realmente pautadas em provas, e os níveis de assédio não caíam. Pelo contrário, parece que aumentavam”. Criar normas gerais, sem estudar a origem do *bullying*, suas implicações diretas e indiretas e quais consequências o fenômeno implica em quem o presencia, é estar fadado ao fracasso. É preciso investir em profissionais capacitados, investir em pesquisas educacionais, de aspectos quantitativos e qualitativos, que mostrem onde, como e quando o fenômeno se manifesta dentro do espaço escolar e o perfil de quem o pratica, sofre e acompanha, para que se proponham ações eficazes de combate ao *bullying*.

Analisar o acontecimento do fenômeno de maneira imersiva possibilitou aos pesquisadores finlandeses constatar que o espectador do *bullying* tem papel crucial para seu acontecimento e manutenção, fato que não é constatado através de meios superficiais de combate e prevenção ao *bullying*. García-Ajofrín (2018) constata isso em

A peculiaridade do programa finlandês é que, enquanto a maioria das iniciativas contra o *bullying* se centrava no assediador ou na vítima, havia um elemento crucial com o qual pouco se trabalhava: a plateia. As humilhações do assediador só faziam sentido se houvesse um público que as aplaudisse. “Os pesquisadores concordam que uma das principais razões do assédio escolar é a grande necessidade de status, visibilidade e domínio de alguns alunos”, explica Salmivalli. Ao praticarem o abuso — seja físico, psicológico ou social — contra os colegas com menos poder, eles demonstram seu status, o qual acaba frequentemente sendo reforçado pelo grupo, prossegue a especialista. O programa finlandês “se baseia na ideia de que a mudança positiva no comportamento da classe pode reduzir a recompensa propiciada pelo *bullying* aos assediadores, e, portanto, sua motivação para intimidar”, esclarece.

Outro fator de sucesso na proposta finlandesa de combate ao *bullying*, e de outros países como Japão, França, Canadá e Suécia, segundo Debarbieux e Blaya (2002) e Fante (2005), é propor ações contínuas, começando com a criação de leis que garantam o direito das crianças e adolescentes frequentarem a escola sem sofrer violência, penalizando os infratores, mas ao mesmo tempo propondo medidas socioeducativas, a fim de reeducá-los, para que eles possam ter um papel construtivo na sociedade. Também é necessário tratar o assunto dentro do espaço escolar, não só com ações de conscientização, mas com capacitação profissional, para que se identifique qualquer comportamento que desencadeie uma relação de humilhação e perseguição entre os alunos, e valorização das relações humanas fomentando a cooperação e o respeito pela diversidade.

Uma possibilidade de combate e prevenção ao *bullying* deveras interessante é apresentada Caputi e Silva (2020), a educação integral. As autoras defendem que os conflitos e violências que acontecem no espaço escolar, muitas vezes, são normalizados graças a exposição precoce das crianças e esse tipo de experiências, e que o comportamento da sociedade ao redor da criança influencia o comportamento da criança no ambiente social escolar. Por isso, a educação integral, acompanhada de uma educação humanizada, “que se concretiza ao assumir as discussões sobre valores humanos, alçar relações saudáveis, dignas e respeitadas, na promoção intencional da paz e tolerância para eliminar a violência escolar e o desrespeito às diferenças” (p.168). A proposta de educação em tempo integral não tem por objetivo apenas fazer com que o aluno passe mais tempo dentro da escola, mas em possibilitar um pleno desenvolvimento da criança nesse tempo em que a criança passar dentro do espaço escolar, valorizando as relações humanas e os saberes adquiridos dentro desse espaço e tempo escolar, dialogando com os conhecimentos adquiridos em outros espaços e relações sociais. Sobre a educação em tempo integral, Caputi e Silva (2020, p.166-167) esclarecem:

A atual concepção de educação integral supera a ampliação do tempo escolar, reconhecendo a singularidade dos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem, a centralidade dos educandos como premissa da qualidade educacional, a valorização das vivências, bem como a especificidade do olhar docente ao que é essencial, provocador das capacidades e relevante ao educando na oferta das situações de aprendizagens. Neste contexto os espaços sociais e as diferentes culturas são concebidos como potencializadores do

desenvolvimento humano, integrando os saberes aprendidos fora da escola com os essencialmente escolares.

Ao passar mais tempo na escola e tendo esse tempo preenchido com atividades e relações significativas, que contribuem para o pelo desenvolvimento humano, estabelecendo laços pautados no respeito, na coletividade e na valorização das diferenças, a criança adquire consciência social e passa a compreender que suas ações e comportamentos geram impacto em que seu meio. A partir daí, a criança se percebe como sujeito ativo no processo de construção de uma sociedade justa e igualitária, e esse estado de consciência não só promove a paz no ambiente escolar como cria agentes de transformação positiva na sociedade.

7. Considerações Finais

A paz, o respeito e a igualdade entre as pessoas são o ideal de toda sociedade. Para a obtenção e manutenção desses ideais é preciso identificar os comportamentos contraproducentes, que geram opressão, desigualdade e a ilusão de que existem seres humanos melhores que outros seres humanos. A violência é um produto desse comportamento, mas não a origem, por isso as atitudes violentas não devem ser tratadas como pontuais e a solução para o combate à violência não deve ser só a punição de tais atitudes. É preciso atuar com veemência na prevenção da violência e buscar os fundamentos dos comportamentos violentos é a chave para a inibição da violência.

O combate ao *bullying* é um esforço coletivo e contínuo. É necessário que todos os envolvidos no contexto escolar sejam devidamente informados sobre a gravidade desse fenômeno e que suas implicações podem afetar permanentemente a vida das pessoas, os profissionais da educação precisam estar conscientes que seu ofício é educar, mas que além disso, é garantir um espaço propício para o pleno desenvolvimento de seus discentes, e tornando a escola o lugar de formação de sujeitos integrais e capazes de concluir sublimemente seus processos de formação humana.

Este artigo pôde trazer ao entendimento o que é o *bullying*, como esse fenômeno surge e se desenvolve nas relações sociais e nos espaços escolares e fora deles. Discernindo o *bullying* de outras situações de conflito, os responsáveis por garantir o desenvolvimento da criança e do adolescente podem propor ações de conscientização e não-incentivo ao *bullying*, além de, a partir do que foi explicitado, promover um ambiente de paz e solidariedade nas relações humanas. A partir das ações de combate ao *bullying* supracitadas, é possível fazer a análise das medidas adotadas nas escolas e se tais medidas são realmente efetivas e se o seu propósito é cumprido.

Novas pesquisas e produções acadêmicas podem ser feitas através desta revisão bibliográfica, podendo executar as propostas aqui descritas, comprovando sua eficácia, relacionando-a com outras pesquisas e resultados sobre o tema, com o intuito de se criar uma base bem fundamentada e estruturada de combate ao *bullying*, ou aplicando-a a um determinado público e averiguando que novas medidas podem ser tomadas para que se garanta o direito das crianças e adolescentes de estudar em um local onde a paz é promovida e incentivada, o respeito às diversidades é garantido e valorizado e o desenvolvimento escolar é oferecido em seu mais alto nível, formando cidadãos capazes de ser agentes de transformação positiva na sociedade.

8. Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano nas escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2006.

CAPUTI, Débora; SILVA, Verônica. **Educação Integral como Possibilidade de Enfrentamento ao Bullying**. Revista Educação, UNG, v.15, n.1, 2020.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília, 2002.

FANTI, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar pela paz 2ª ed. Campinas, SP: Verus, 2005.

GARCÍA-AJOFRÍN, Lola. A Fórmula da Finlândia para Combater o Bullying. **Jornal El País**, 28 de novembro de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/06/internacional/1541516726_663171.html. Acesso: 23 mai. 2021.

MÜZELL, Luíza. Eric Debarbieux Fala Sobre o Combate ao Bullying. **Revista Nova Escola**, Edição 248, 01 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/893/ericdebarbieux-fala-sobre-o-combate-ao-bullying>. Acesso: 21 mai. 2021.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**: What we know and what we can do. London, 1993.

SIEFERT, Alfredina. **Bullying Não!** Jaguariaíva, 2008.

SILVA, Vanessa; FERNANDES, Raquel. **BULLYING E COTIDIANO ESCOLAR: SENSIBILIZAÇÃO POR INTERMÉDIO DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS**. Instituto Federal de Mato Grosso - *Campus Confresa Revista Prática Docente*. v. 5, n.2, p. 1477-1498, mai/ago 2020.

UNESCO. **Violência escolar e Bullying**: Relatório sobre a Situação Mundial. 2017.